

Não é por falta de plano ^{Even - Brasil} que a inflação continua

MONICA MAGNAVITA

Não é por falta de planos de recuperação econômica que o Brasil está nesse impasse. Três projetos já foram colocados na mesa e acabaram criando uma expectativa geral sobre a sua possível execução. Mas o Ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, surpreendeu a todos quando em lugar de um novo choque anunciou, na semana passada, remédios bem mais moderados para combater a inflação. Ao que tudo indica é mais provável que a solução, neste momento, venha mais em doses homeopáticas e menos através de um choque. De qualquer forma eles continuam sendo gerados e discutidos nos centros acadêmicos do País e acabam ganhando espaço no Palácio do Planalto.

Um deles é o Plano Larida, dos ex-diretores do Banco Central André Lara Resende e Pêrsio Arida, que prevê a conversão de preços e salários para a OTN, por um período de três a seis meses e discorda do controle e congelamento dos preços. O Plano Sayad, última cartada do ex-Ministro do Planejamento, João Sayad, defende um novo congelamento de preços a cada três meses com repasses prefixados. E por último ganha corpo a idéia de um outro choque heterodoxo, formulado pelo economista Francisco Lopes, propondo um congelamento de preços e salários e uma política monetária e fiscal passiva.

O Professor da PUC-RJ, Eduardo Modiano, um dos autores do Cruzado I junto com Lopes, acredita que, qualquer que seja a estratégia política adotada pelo Governo, ela terá elementos das três propostas acima, tornando-se uma composição de todas elas. Esta saída híbrida parece a mais sensata na opinião de Modiano, porque qualquer um dos três planos, se adotado integralmente neste momento, traria mais problemas do que soluções. Todos eles apresentam as mesmas etapas definidas por Modiano, como: realinhamento de preços em uma primeira fase; em seguida uma tentativa de cortar o elo entre a inflação corrente e a inflação passada e na

última etapa a definição de novas regras de indexação da economia, aproveitando as baixas taxas de inflação.

A proposta Larida de indexar tudo em ORTN sugeria a adoção de uma moeda indexada (ORTN ou OTN) em circulação paralela ao cruzeiro, partindo do diagnóstico de uma inflação inercial. Um dos pré-requisitos para isso seria um realinhamento de preços. A eliminação da inflação inercial residia na idéia de que, sob uma inflação estável, a variação dos preços na nova moeda, indexada nas variações das OTN, seria nula ou desprezível.

A nova moeda teria uma paridade fixa em relação às OTN, cujo valor nominal em cruzeiros seria corrigido mensalmente de acordo com a inflação passada. Assim, a taxa de conversão entre a nova e a velha moeda (garantida pelo Banco Central) se-

Os centros acadêmicos continuam a gerar e discutir os planos, que de alguma forma acabam ganhando espaço junto ao Palácio do Planalto

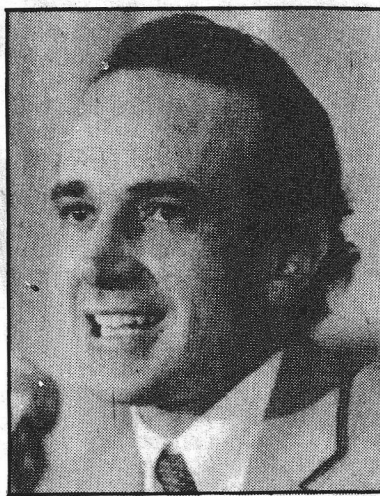
ria corrigida diariamente com base na taxa equivalente pro rata/dia da variação da OTN no mês. Por mais contraditório que pareça, a reforma monetária promoveria a desindexação através da indexação plena da economia.

A conversão não seria compulsória, isto é, ficaria a critério dos agentes econômicos. Os preços e salários seriam convertidos para a nova moeda, tomando como base os valores reais médios dos últimos seis meses. Por isso, haveria dois regimes para os reajustes dos salários nominais: o regime vigente na época (1985) de reajustes semestrais de salários e o regime proposto, que repassaria aos salários nominais, ao longo do mês, a variação da OTN do mês anterior.

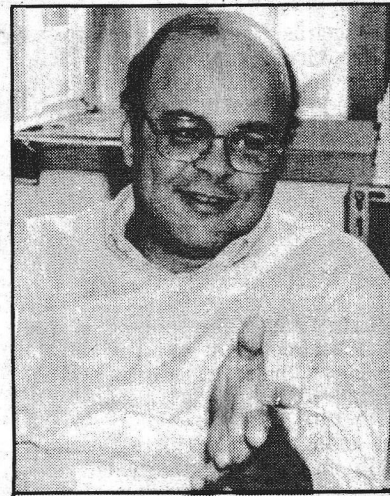
A proposta Larida está baseada no fato de que durante as hiperinflações os agentes econômicos reduzem cada vez mais o prazo dos contratos, devido à necessidade de rever preços quase continuamente. A idéia seria anular a memória inflacionária e romper com o mecanismo de realimentação da inflação.



Pêrsio Arida



André Lara Resende



Francisco Lopes